



gurgulio

Jerónimo Rocha

Flagelado por uma crise de meia-idade, Pedro regressa à sua cidade natal em busca de um vislumbre da sua identidade, entretanto esquecida num lugar onde já foi feliz, e que agora consome obsessivamente a sua imaginação.

Texto: *Jerónimo Rocha*

Trilha sonora: *L Filipe dos Santos*

Ilustração: *Susa Monteiro*

Produção: *short/age by Shortcutz Viseu*

Este autor escreve segundo o antigo A.O.

© Todos os direitos Reservados

Agosto, 2020

www.shortage.online

APOIO



FINANCIAMENTO

VISEU



FADE DE NEGRO PARA

1. EXT. ESTAÇÃO DO ROSSIO - LISBOA - DIA

TRACK IN ao nicho central da fachada da estação do Rossio. Turistas e os demais transeuntes entram e saem da estação, sob o sol brilhante de Lisboa.

NARRADOR

Uma peanha na fachada principal da Estação do Rossio onde outrora estivera uma estátua, agora encontra-se vazia. Aparentemente terá sido derrubada por um turista que queria tirar uma selfie com a figura, fazendo-a tombar na calçada portuguesa e no usufruto da gravidade, desfazendo-a em pedaços.

Ainda assim o espectro dessa escultura, pejado de simbolismo sebastianista, assombra o local, velado à grande maioria dos habitantes deste não-lugar, numa ambiência de antecipação.

CORTA PARA NEGRO

Surge TÍTULO:

"GURGULIO"

CORTA PARA

2. EXT. RUAS DE VISEU - MONTAGEM - DIA

CÂMARA LENTA. Chove torrencialmente nas ruas de Viseu. Uma CRIANÇA DE CABELO ESCURO corre, de braços abertos. Só se vislumbram as suas costas e nuca. Enquanto simula o voo, passa por várias zonas do centro da cidade.

- a) Rua Escura
- b) Rua Direita
- c) Parque Aquilino Ribeiro
- d) Praça da República
- e) Avenida Dr. António José de Almeida

3. INT. CAMIONETA - DIA

A criança passa pela janela onde escorre água da chuva. Sentado no lugar à janela, observando a criança, está PEDRO,

38 anos, alto, sobretudo sobre blusa e jeans.
 Puxa lentamente a pele do sabugo das unhas.
 O seu tronco balança numa curva.

4. EXT. ESTAÇÃO DE CAMIONAGEM DE VISEU - GARAGEM - DIA

A camioneta estaciona e começam a vazar PASSAGEIROS.
 No meio dos viajantes que saem está Pedro.

5. INT. ENTRADA DA ESTAÇÃO DE CAMIONAGEM - DIA

Pedro sobe as escadas até à saída da estação.
 À porta está CLARA, 38 anos, cabelo curto, larga de ossos,
 bochechuda, sorridente.

CLARA

Anda cá, maroto.

Pedro aproxima-se, meio atrapalhado, mas Clara puxa-o até si
 num abraço.

Pedro pára de resistir e amolece nos seus braços.

PEDRO

É bom ver-te.

Desprendem-se.

CLARA

Vá, temos hora e meia.
 A Carolina está com os avós até à
 hora de almoço. Depois tenho de ir.
 Onde é que te apetece ir?

6. EXT. RUAS DE VISEU - DIA

PLANO DE PORMENOR: As folhas de uma árvore fustigadas pela
 chuva. A chuva abranda até parar.

Clara e João atravessam a Praça da República e entram no
 Parque Aquilino Ribeiro.

PEDRO

...Mudou-se para Basileia.
 Agora trabalha na administração
 de uma ONG. Tens visto o Vasco?

CLARA

Vi-o faz uns anos.
 Cruzamo-nos num restaurante.
 Está igual. Está igualzinho.
 Tomou conta da fábrica dos pais.
 Lembras-te como ele era?
 Lembras-te da Dona Graciela lhe dar
 o prémio do rapaz mais atinado?

PEDRO

E o Jorge? Que tal?

CLARA

Está fixe. Continua na secretaria
 do hospital.
 (olha Pedro nos olhos)
 Porque é que estás aqui?

Pedro senta-se num banco de jardim.

PEDRO

Não sei.

CLARA

Está tudo bem contigo?

PEDRO

Não sei.

(pausa)

Despedi-me. Amanhã tenho uma
 entrevista no Porto.

CLARA

Tu ontem soavas estranho.
 O que é que aconteceu, maroto?

PEDRO

Estou cansado. Daquela cidade.
 Acho que nunca gostei de lá estar.
 (aponta à distância)

Lembras-te de haver ali um
 escorrega? Nós vínhamos brincar
 para aqui com o André. Acho que
 quando saí daqui sempre achei
 que ia voltar.

CLARA

A tua mãe está bem?

PEDRO
Está, está.

Clara corta o contacto visual e olha para o parque.

CRIANÇAS brincam.

CLARA
Então vieste matar saudades?

Pedro sorri.

PEDRO
Uma das minhas primeiras memórias é de um sítio onde brincava em criança. Uma casa abandonada. Uma fachada com estátuas que me olhavam de boca aberta. Não tinha telhado, apenas restos de paredes. Como as ruínas de São Paulo em Macau, sabes?

Pedro olha para Clara.

Clara anui.

Pedro baixa os olhos e volta a observar o parque.

INTERCORTA COM

VISÃO

PUSH IN à criança de cabelo escuro, a brincar sobre escombros, de costas. O dia é soalheiro. À sua volta estão paredes semi desabadas. A natureza apoderou-se há muito do local.

INTERCORTA COM

PEDRO (CONT'D)
Só tinha a fachada da rua, mas se conseguisses passar a porta entravas num matagal. Era como um portal para outro mundo. Num momento estavas na cidade e no momento seguinte estavas na selva... ou no sítio onde quisesses estar. E aquelas estátuas, hipnotisantes, a guardar a entrada. A primeira vez que fui lá brincar, desapareci durante horas e o meu pai ficou muito aflito comigo. Disse-me

para nunca mais desaparecer sem lhe dizer nada. Há uns meses li uma notícia que uma estátua na estação do rossio tinha sido destruída por um turista. Deitou-a abaixo sem querer... e fê-la em cacos. Não sei bem porquê, mas aquilo fez-me lembrar a casa abandonada e as suas estátuas de guarda. Essa estranha familiaridade fez-me sentir mais em casa do que o meu apartamento, do que o meu trabalho, do que as pessoas que me rodeiam. Desde então tenho sonhado muitas vezes com esse sítio.

CLARA
Com esse sítio ou com quem eras quando lá estavas?

Pedro olha para Clara.

Clara sorri. Olha na direção do seu umbigo.

CLARA (CONT'D)
Cuidado, maroto. Esse Viseu é só teu. Lembras-te que queria ir para Nova York? O meu sonho era viver lá. Quando tínhamos 15 anos. Entrar num gabinete de design e viver em Manhattan. Com vista para o Central Park. Agora vivo aqui e tenho a minha vida aqui. E não saí daqui. Aliás, a minha vida expandiu-se num raio de 15 quilómetros, se tanto. E sabes que mais? Estou contente com o que tenho. Não é uma cedência. Descobri que ainda não sabia o que queria. Descobri que sou capaz de perceber o que quero à medida que as coisas vão acontecendo. Que a vida vai acontecendo. Quem sabe? Mas se isso não acontecer, não faz mal. O que tenho deixa-me feliz.

PEDRO
Achas que sim? Mesmo?

Clara pega na mão de Pedro e leva-a à sua barriga.

Pedro fica enrascado.

Clara sorri.

Pedro finalmente percebe.

CLARA

(acenando com a cabeça)

Sim.

PEDRO

A sério?

CLARA

Vai ser o cabo dos trabalhos. Eu ainda não tenho contrato e o Joca vai ter de conseguir o aumento que lhe andam a prometer à que séculos... mas o que tenho deixa-me muito feliz.

Pedro solta o braço gentilmente e levanta-se.

PEDRO

Vamos andar.

Clara reclina-se para trás, no banco. Está pensativa.

CLARA

Essa casa que me falas não me diz nada, mas eu também não sou a melhor guia em Viseu. Em casa de ferreiro... Mas quem saberia? Tens alguém da tua família aqui a viver? Alguém que soubesse onde andavas em puto?

PEDRO

Não. Acho que não.

Clara roda ligeiramente a cabeça e franze os olhos.

CLARA

Não!? Mesmo? Tu és daqui. Deves ter algum familiar.

PEDRO

Tinha umas Tias Avós... Tia Avós? Tias Avó? Enfim... Tinha umas familiares que viviam perto da Sé, na rua escura.

CLARA

Ora aí tens.

PEDRO

Clara. Tias Avós. Já devem ter morrido há muito tempo.

CLARA

Lembras-te onde viviam?

PEDRO

Se visse a casa acho que sim. Não me lembro do número.

Clara levanta-se.

CLARA

Eu levo-te lá.

PEDRO

Clara!

CLARA

Pedro! O quê?

PEDRO

Olha-me agora eu a ir bater a casa de umas velhinhas...

CLARA

E? Tens a perder o quê?

Pedro não responde.

CLARA (CONT'D)

Hum? Vá!

Pedro sorri.

CORTA PARA

7. EXT. RUA ESCURA - DIA

Pedro e Clara aparecem vindos da Rua Direita.

Clara pára e abre os braços a Pedro.

CLARA

Maroto. Tenho de ir.

Pedro abraça Clara.

PEDRO

Obrigado. Eu telefono-te.
Manda um abraço ao Jorge.

CLARA

Claro que sim. E tu cuida-te,
está bem? Não te quero ver assim.
Resolve o que tens a resolver e
olha em frente, maroto.

Clara parte, deixando Pedro no início da rua.

Pedro avança rua adentro, nervoso.

POV de Pedro. Passa por vários transeuntes. Todos parecem
encará-lo.

Uma porta que ele reconhece.

Hesita.

Leva a mão à porta.

É a MÃO de uma criança que bate à porta.

Silêncio.

Do outro lado da porta ouvem-se vozes de três VELHAS que se
interpelam e completam a falar.

CARMINDA (OFF)

Pergunta quem é.

CARLOTA (OFF)

Deixa-me ver.

CLARINDA (OFF)

Quem é?

PEDRO

Olá...esta é a casa
das tias Graça?

Depois de algum reboição vindo dentro de casa, a porta abre-se
numa frincha, segura por uma corrente.

PEDRO (CONT'D)

O...Olá. Sou eu. Hum. O Pedro.
O vosso sobrinho. Sobrinho neto.

Uma cara enrugada espreita.

CLARINDA

O filho do Raúl?

Outra cara espreita...

CARLOTA

Deixa-me ver.

...seguida de uma terceira.

CARMINDA

"Deixa-me ver?" És cega!

A porta fecha-se.

Silêncio.

Pedro fica parado, atónito.

A porta abre-se de súbito.

Três anciãs - CLARINDA, CARLOTA e CARMINDA - observam Pedro.

CLARINDA

Aproxima-te, por favor.

CARLOTA

Mais perto, filho.

CARMINDA

Sim, mais perto.

Pedro aproxima-se lentamente e repara num par de ÓCULOS de
tartaruga, de aspecto pesado, lentes redondas e amareladas,
pousado sobre a mesa de mármore da entrada, ao lado de uma
redoma em vidro com um arranjo floral seco e um pássaro
empalhado no seu interior.

PEDRO

Será que estão à procura disto?

Pedro aponta para o par de óculos.

Uma das anciãs agarra-o avidamente. As outras vão alternando, à vez, colocando o par de óculos.

CARMINDA

Pedro?

CARLOTA

O nosso Pedro?

CLARINDA

O Pedrinho?

Pedro sorri.

PEDRO

Sim, Tias, sou eu.

CORTA PARA

8. INT. SALA DE ESTAR - TARDE

O BADALAR de um relógio de parede. Paredes forradas a papel de parede com uma trama de arranjos florais. Móveis pesados e escuros.

Um relicário.

Quadros a óleo com enormes molduras douradas.

Uma mesa de café apresenta um enorme bule cerâmico, várias chávenas e um prato de biscoitos.

Pedro está sentado numa poltrona, com um álbum de fotografias na mão.

Do lado oposto, fechando um círculo, as três anciãs observam Pedro.

CARMINDA

Como está a tua mãe?

PEDRO

Bem, obrigado.

CARLOTA

Nós fomos ligando.

CLARINDA

Mas nunca vos apanhamos em casa.

PEDRO

Pois, ela não ouve muito bem de um dos ouvidos. E eu já saí de casa faz uns anos.

Uma fotografia de uma criança de cabelo escuro, de costas, dá a mão a um homem parecido com Pedro.

PEDRO (CONT'D)

Esta foi a minha mãe que vos arranjou, não foi?
Eu tenho uma igual.

CARLOTA

Eram as fotografias do tio Carlos. O nosso Raúl com o Pedrinho. Muito bonita.

CARMINDA

Muito bonita.

CLARINDA

Quando tu e a tua mãe se mudaram, perdemo-vos o rasto. O tio Carlos é que nos ia dizendo como estavam.

Silêncio.

CLARINDA

E tu, filho, o que fazes?

CARLOTA

Não sabemos nada de ti.

CARMINDA

Porque é que não nos vieste visitar antes?

PEDRO

Eu... tenho uma vida muito ocupada. E viajo muito.

Silêncio.

PEDRO (CONT'D)

Mas em resposta à vossa pergunta, toco numa orquestra.

CARMINDA

Ai que maravilha.

CARLOTA

Meu rico menino.

CLARINDA

Como o pai.

PEDRO

Como o pai?

Carminda levanta-se a custo.

CARLOTA

Deixa estar, eu vou buscar.

CLARINDA

Olha a ciática, Minda.

As três começam a barafustar entre elas até Carminda desaparecer por uma porta.

PEDRO

O meu pai tocava?

CLARINDA

Quando ele era novo, nós oferecemos-lhe uma flauta para ele tocar na escola.

CARLOTA

Tinham um recital no final do ano.

CLARINDA

Mas ele não gostava do som.

CARLOTA

Dizia que não era o que ouvia nos filmes.

As duas desatam a rir-se, num esforço entre a falta de ar e a risada que mais parece uma tosse.

CLARINDA

Eu sabia lá o que ele queria dizer com aquilo.

CARLOTA

Os filmes...

Carminda regressa com uma PEQUENA MALA.

CARMINDA

Até que arranjou o que ele queria.

A Carminda arrasta-se lentamente, demorando uma eternidade a entregar a pequena mala a Pedro.

CLARINDA

Já te queríamos dar isto faz muito tempo, mas nunca mais te vimos.

Pedro abre a mala cuidadosamente. Lá dentro está um SAXOFONE.

PEDRO

Não sabia que ele tocava.

CARLOTA

Ele incompatibilizou-se com o instrutor dele...

CLARINDA

Foi uma estupidez.

CARMINDA

Foi uma pena.

CARLOTA

O que tocas, filho?

PEDRO

Clarinete.

Pedro olha para o relógio de parede.

PEDRO (CONT'D)

Tenho de me ir embora. Tenho de apanhar a camioneta para o Porto.

CARLOTA

Já, filho?

CLARINDA

Não deu tempo para nada.

CARMINDA

Ao menos toma o teu chazinho.

Pedro levanta-se.

PEDRO

Desculpem-me. Tenho mesmo de ir.

CARLOTA

Leva o Safoxone.

CLARINDA

É para ti.

CARMINDA

O teu pai ia querer.

CORTA PARA

9. EXT. RUA ESCURA - DIA

A porta abre-se e sai Pedro.

PEDRO

Obrigado por tudo.

CARLOTA

Estamos aqui, filho.

CLARINDA

Vem visitar-nos.

CARMINDA

E diz com antecedência para te
fazermos qualquer coisa da
próxima vez.

PEDRO

Obrigado.

Pedro acena enquanto se afasta.

Pára.

PEDRO (CONT'D)

Desculpem! Mais uma coisa!

CARLOTA

Sim?

CLARINDA

Que foi, filho?

PEDRO

Alguma de vocês se lembra de
alguma casa abandonada onde
costumava brincar em criança?
Isto diz-vos alguma coisa?

CARMINDA

Uma casa abandonada...

CARLOTA

...onde brincavas em criança?

CLARINDA

A casa das bocas. Era do outro
lado da casa do teu tio Carlos.

CARMINDA

Na Rua das Bocas!

PEDRO

Rua das Bocas?

CARLOTA

Vá, Minda, esse não
é o nome da rua.

CARMINDA

É assim que toda a gente a chama!

CARLOTA

Mas não é o nome da rua!

CARMINDA

Eu sei lá agora.

CLARINDA

Rua João Mendes. O teu pai ficou
muito arreliado a primeira vez
que te perdeste por lá.

PEDRO

(afasta-se)

Eu sei.

CARMINDA

Rua João Mendes!

PEDRO

Rua João Mendes. Obrigado.

Pedro volta a acenar.

PEDRO (CONT'D)

E obrigado pelo chá!

Pedro acelera o passo.

Olha para o seu TELEMÓVEL.

Abre a aplicação do serviço de transportes.

"PARTIDA ÀS 18.00"

O relógio marca as 17:27.

PLANO GERAL. Pedro chega ao fim da rua, que se bifurca em duas direções. Pergunta algo INAUDÍVEL a uma MULHER que passa. A mulher aponta à esquerda. Pedro agradece e fica parado a meio da rua pedonal. Olha repetidamente entre a direita, a esquerda e o seu telemóvel. Decide ir pela esquerda.

CORTA PARA

10. EXT. ESQUINA - FIM DA TARDE

Pedro vê a tabuleta.

"RUA JOÃO MENDES"

Olha para o seu telemóvel.

17:44

Pedro recua.

Quando se está a voltar para trás vê algo que o faz parar onde está.

Um rapaz de cabelo escuro corre rua adentro.

PEDRO

Ei! Espera!

Pedro segue o rapaz...

11. EXT. RUA DAS BOCAS - FIM DA TARDE

... até parar, estarecido.

A criança entra por uma porta apodrecida. TILT UP para revelar um conjunto de GÁRGULAS.

Pedro observa, congelado. Caem pingas de água na sua cara. Começa a chover.

PLANO DE PORMENOR de uma gárgula que representa uma figura masculina, com as restantes em pano de fundo. Começa a soltar um fio de água da sua boca.

A Casa das Bocas é um prédio devoluto, de paredes rosa desbotado, com um gerador anexo e toldos que indicam a intenção de obras.

Pedro entra na Casa das Bocas.

12. INT. CASA DAS BOCAS - FIM DA TARDE

Pedro aparece pela porta.

POV de Pedro. O interior da casa está a céu aberto. Por detrás da fachada principal, o matagal apresenta-se denso. Algumas partes das divisões ainda estão demarcadas, com pedaços das paredes ainda levantadas.

Pedro caminha para o interior da casa, deixando-se molhar.

Senta-se num pequeno monte de escombros.

Pousa a pequena mala no chão, mas o trinco está solto e esta abre-se.

O saxofone cai na terra.

Pedro olha para o objecto polido, que reflete a sua figura deformada na campana.

Pedro recolhe o Saxofone do chão com cuidado, hipnotizado pelo seu reflexo.

Uma silhueta vislumbra-se no reflexo polido do instrumento de sopro. Do fundo, por detrás dos restos de uma parede em ruína, aparece a figura de uma criança, deformada pelo reflexo. Levanta-se do chão e aproxima-se lentamente. O detalhe da sua cara é incompreensível.

PEDRO

A primeira vez que vim cá
brincar, desapareci durante horas
e o pai ficou todo aflito.

Pedro sorri, contemplativo.

PEDRO (CONT'D)
(enquanto o sorriso se desfaz)
 Disse-me para nunca mais
 desaparecer sem lhe dizer nada.
 Irónico, não é? Lembras-te?

Vista pelo reflexo, a figura pára.

PEDRO (CONT'D)
 Se soubesses quantas saudades
 tinha de ti... de te ver outra
 vez. Lembras-te do tanto que
 brincaste aqui? Das aventuras.
 Dos mundos. Se soubesses a falta
 que me fazes. Eras imparável.
 A tua determinação...

Vista pelo reflexo, a figura dá um passo a trás.

PEDRO (CONT'D)
 Não te vás embora. Fica.
 Vem até mim. E se pudesses ficar
 aqui comigo? Para sempre.

Vista pelo reflexo, a figura continua a recuar.

A água escorre na cara de Pedro.

PEDRO (CONT'D)
 O que é que queres de mim?
 Fiz tudo o que podia por ti.
 Vivi tudo o que podia por ti.
 Experimentei tudo o que podia
 por ti. Não te vou dizer o que
 te aguarda, mas todas as horas que
 passaste a antecipar, a imaginar,
 a esperar, com o teu coraçãozito
 a bater cheio de força, foram...
(pausa, para si)
 Se ao menos soubesses que o mundo
 lá fora era menor do que aquele
 que aqui tinhas.
 Tão mais pequeno...
 Já nada do que é novo me...

PUSH IN à cara de Pedro. Este vira-se, muito lentamente, para encarar o que está atrás de si.

O saxofone cai no chão.

CORTA PARA

13. EXT. CASA DAS BOCAS - FIM DA TARDE

CÂMARA LENTA. Chove torrencialmente. As gárgulas bolsam correntes de água. Uma CRIANÇA DE CABELO ESCURO sai pela porta da Casa das Bocas e corre, de braços abertos. Só se vislumbram as suas costas e nuca. Enquanto simula o voo, passa por várias zonas do centro da cidade.

- a) Rua Escura
- b) Rua Direita
- c) Parque Aquilino Ribeiro
- d) Praça da República
- e) Avenida Dr. António José de Almeida

14. EXT. ESTAÇÃO DE CAMIONAGEM - FIM DA TARDE

O último PASSAGEIRO sobe os degraus da porta frontal de uma camioneta.

O MOTORISTA termina a conversa que tem com um COLEGA e entra.

A camioneta arranca, contornando o estacionamento e partindo pela avenida abaixo.

A criança de cabelo escuro corre avenida abaixo até perder a camioneta de vista.

15. INT. CAMIONETA - FIM DA TARDE

Os PASSAGEIROS acomodam-se para a viagem que aí vem.

Um lugar reservado. Um lugar vazio.

CORTA PARA

16. RUA DAS BOCAS - DIA

O dia é soalheiro. A casa das bocas encontra-se totalmente restaurada. Uma placa em acrílico com as iniciais USF ladeia a entrada. Um CASAL entra pela porta automática enquanto uma IDOSA sai.

NARRADOR

Uma casa senhorial em Viseu
outrora devoluta, encontra agora
uma nova vida de utilidade
pública. Na sua fachada
ostentam-se onze gárgulas, cada
uma com a sua peculiar estória.

Estas entidades, pejadas de
simbolismo obsoleto, assombram
o local, velado à grande maioria
dos transeuntes desatentos, numa
ambiência de antecipação.

As várias GÁRGULAS apresentam-se restauradas na fachada. A
última a surgir em quadro é a representação de um HOMEM QUE
TOCA UM INSTRUMENTO DE SOPRO.

FADE PARA NEGRO

CRÉDITOS FINAIS

Shortage

WWW.SHORTAGE.ONLINE